

Niilismo ativo: uma perspectiva afirmativa

Joelson Silva de Araújo *

Data de submissão: 20 mai. 2013

Data de aprovação: 15 jun. 2013

Resumo

Este artigo tem o objetivo principal de discorrer acerca do sentido do niilismo na filosofia de Nietzsche. Pretendemos apresentar uma possibilidade afirmativa de entendimento acerca desse conceito, relacionada à transvaloração de todos os valores.

Palavras-chave: Niilismo. Transvaloração. Vontade de Potência.

Abstract

This paper has the main objective to talk about nihilism of the Nietzsche's philosophy. We intend to introduce a affirmative possibility to understand this concept statement, relating to the transvaluation of values.

Keywords: Nihilism. Transvaluation. Will to power.

Desvalorizar a vida em nome de valores presumivelmente superiores à própria vida, para Nietzsche não é aceitável. E por quê? Porque não há nada além da própria vida. É a vida a servir de base para a elaboração de valores, devendo ser avaliadora e não avaliada. Como afirma Alfredo Naffah Neto (1996), elegendo a vida como critério válido e inquestionável de juízo, Nietzsche a coloca como parâmetro de toda autenticidade e de todo discernimento valorativo.

Propriamente por isso, não se pode considerar o filósofo de Sils-Maria como um crítico que nada propõe. A eleição da vida como medida de avaliação o impede. Essa valorização da vida está dentro do projeto

* Mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGFIL/UFRN) (E-mail: joelsontoscano@gmail.com).

nietzscheano de transvaloração de todos os valores — *Umwertung der Werte* —,¹ de levar a exercício o questionamento de todos os costumes.

Uma das mais importantes questões da filosofia de Nietzsche é: que sentido há nos valores? A crítica nietzscheana diz respeito, em geral, aos costumes da nossa cultura ocidental e, a partir dos seus últimos escritos, apresenta-se especialmente como contraposição aos valores cristãos, como é o caso da obra *O anticristo*, de 1888, que tem como subtítulo “*maldição ao cristianismo*”. Nesta obra, a contraposição nietzscheana em relação a essa religião alcança o seu ápice. É aí que se afirma ser o cristianismo a religião da melancolia, causadora de depressão pelo desprezo da alegria de viver:

O cristianismo é chamado de religião da *compaixão*. — A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento de vida: ela tem efeito depressivo. O indivíduo perde força ao compadecer-se. A perda de força que o padecimento já acarreta à vida é aumentada e multiplicada pelo compadecer. (NIETZSCHE, 2007, p. 13)

De acordo com o filósofo, o cristianismo é uma negação da vida, porque faz com que os indivíduos que a ele aderem percam suas forças tônicas, nesse sofrer com o outro (compadecimento), como também porque prega a esperança de uma vida eterna, transcendental, fazendo com que o indivíduo se distraia em seu viver aqui e agora, imaginando a existência de outra vida além desta. Mas, o declínio da cultura ocidental não se encontra ligado apenas ao cristianismo. De acordo com Nietzsche, a cultura ocidental começa a declinar já a partir do século V a.C., com a filosofia socrática, que instituiu a racionalidade universal, a pretensa vontade de verdade, ou seja, de

¹ Foi usado aqui o termo “transvaloração” considerando as traduções de Rubens Rodrigues Torres Filho na coleção “Os pensadores” e Paulo César de Souza que, na nota 81 de *Além do bem e do mal*, escreve e concorda com a tradução feita por Rubens Rodrigues Torres Filho, apesar de usar uma terminologia um pouco diferente. Assim ele diz: “tresvaloração dos valores é a nossa tradução para *Umwertung der Werte*. [...] Naquela que é a mais fiel tradução de Nietzsche até agora publicada no Brasil, a da coleção Os pensadores, da Abril Cultural, Rubens Rodrigues Torres Filho usa o termo ‘transvaloração’. Segundo o *Aurélio*, *tres-* é que transmite a ideia de “movimento para além ou através de”. No nosso entender, *tres-* expressaria de modo mais adequado a radicalidade da mudança. A tradução tradicional para *Umwertung der Werte*, ‘transmutação dos valores’, não conserva a repetição original, a ênfase na palavra ‘valor’ (*Wert*).” Também foi considerada a terminologia utilizada por Roberto Machado em duas das suas principais obras a respeito do pensamento de Nietzsche, *Nietzsche e a verdade* e *Zaratustra, tragédia nietzschiana*.

tornar tudo universal através dos conceitos. O cristianismo, tal e qual o conhecemos, seria apenas uma espécie de socratismo.

Para superar ou ultrapassar o “pessimismo socrático-cristão”, surge, nos escritos nietzscheanos, o conceito de *transvaloração*. O termo foi criado pelo próprio Nietzsche, no período maduro da sua produção intelectual, aparecendo pela primeira vez em 1886 em *Além do bem e do mal*. Luís Rubira, no artigo intitulado *Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche*, falando sobre esse termo afirma: “a expressão é seminal porque ela é cunhada pelo próprio autor de modo a exprimir, por meio de um signo, um acontecimento decisivo no âmbito dos valores, acontecimento que é constatado e precisa ser enfrentado” (RUBIRA, 2005, p. 114).

Considerada como um acontecimento que precisa ser enfrentado, a noção de transvaloração indica, primeiramente, uma forma de superação, que está na própria etimologia do termo nietzscheano: o prefixo “*um*” significa “queda” ou “mudança”. Destarte, é a queda ou mudança dos valores decadentes, sustentados com base em consolos metafísicos, que interessa a Nietzsche. Depois, ela também representa a criação de novos valores, afirmados por sua capacidade de exprimir um “sim” à vida.

Sobre o primeiro aspecto, ou seja, a superação da moral judaico-cristão-socrática ou a inversão desta moral, Nietzsche se autointitula um pioneiro. No aforismo 46 de *Além do bem e do mal*, afirma: “Até hoje não existiu, nunca e em parte alguma, semelhante ousadia na inversão, algo tão terrível, tão interrogativo e tão questionável como essa fórmula: ela prometia uma transvaloração de todos os valores antigos” (NIETZSCHE, 2005, p. 48, § 46). A novidade é tão desconcertante, que Nietzsche atribui a tarefa de transvalorar a novos filósofos, homens do futuro. Ela seria...

Para *novos filósofos*, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e tresvalorar e transtornar “valores eternos”, para precursores e arautos, para homens do futuro que até no presente o nó, a coação que impõe caminhos *novos* à vontade de milênios. Ensinar ao homem o futuro do homem como sua *vontade*, dependente de uma vontade humana [...] (NIETZSCHE, 2005, p. 90, § 203).

Em *Ecce Homo*, na mesma direção de afirmação da novidade de sua filosofia, Nietzsche se coloca como o caminho para a transvaloração. Escreve sobre a importância de sua descoberta a respeito do que realmente é a moral tradicional, como um divisor de águas ou, mais precisamente, da própria história:

O descobrir da moral cristã é um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. Quem sobre isso esclarece é uma *force majeure*, um destino — ele parte a história da humanidade em duas. Vive-se antes dele, vive-se depois dele... O raio da verdade atingiu precisamente o que era mais alto: quem compreende o que foi destruído, que observe se ainda lhe resta algo nas mãos (NIETZSCHE, 2008, p. 108, § 8).

O modo de vivência que segue esse acontecimento nos sugere o segundo aspecto ligado à noção de transvaloração, ou seja, o relacionado com a criação de novos valores. No itinerário nietzschiano, a transvaloração significa, dessa forma, olhar diferentemente os valores, relacionar-se diferentemente com os valores de forma que a vida não seja depreciada, de forma que a vida seja afirmada incondicionalmente, mesmo nas situações mais adversas ou mais cruéis. E, para isso fazer, é necessário superar as velhas morais: aquela judaico-cristão-socrática, mas também a consciência científica moderna, com a sua vontade de verdade. Ora, “superar” essa moral tradicional não significa simplesmente fundar outra moral ao estilo das antigas, ou seja, subordinando a vida a valores, mas proteger a vida dessas morais degenerativas:

Considerar ruins os valores que despotencializam, enfraquecem e empobrecem a vida não significa submetê-la a um crivo, selecionando uma parte boa e uma parte má, como fazia a moral. Trata-se, sem dúvida, de uma seleção, mas de outro tipo e com outra finalidade: proteger a vida contra todos os valores que, por operarem um tipo de seleção moral, a enfraquecem e a empobrecem. (NAFFAH NETO, 1996, p. 58).

Em outros termos, o objetivo de Nietzsche não é fundar outra moral particular, de fundo tradicional, distinguindo o que deve ser feito sobre a base de noções pré-estabelecidas a respeito do bom ou mau. A vida é que está em jogo, ela deve ser protegida e ser avaliadora e não mais avaliada. Os valores precisam ser instituídos a partir da vida de modo que o bom ou mau não seja o parâmetro de juízo da vida, mas, ao contrário, que eles tenham a vida como seu parâmetro.

Quase dois milênios se haviam passado desde a última transvaloração, operada pelo cristianismo, responsável por uma grande mudança de valores no ocidente. Agora, o niilismo ativo se mostra como o norte para se promover uma nova transvaloração. Em *Assim falou Zaratustra*,

considerada pelo próprio Nietzsche² como sua obra mais importante, Zaratustra aparece como aquele que coloca em prática a fórmula nietzscheana da transvaloração. Ele representa a possibilidade de transvalorar a partir de um niilismo ativo, que, segundo Galileu de Souza corresponde:

[a] o advento do *Übermensch*, [...] capaz de superar, pelo exercício da vontade de potência, o momento destrutivo de tal processo, atingindo seu momento construtivo: quando se torna consciente que *o sentido não sendo ontologicamente dado deve ser criado*; quando é capaz de assumir em uma atitude de gozo o absurdo da vida e toda a sua dramaticidade, em uma aceitação feliz do *eterno retorno*, ou seja, da eterna imanência do sentido do ser: a suprema fórmula da afirmação que pode ser alcançada. (SOUZA, 2005, p. 69).

Pelo menos quatro conceitos são essenciais para explicar o projeto nietzscheano de transvaloração dos valores: niilismo ativo, *Übermensch*, vontade de potência e eterno retorno.

Ao mesmo tempo em que os valores ocidentais se desvalorizam, o niilismo em sua forma ativa, para Nietzsche, é o exercício da liberdade, da criatividade e da criação de novos valores. Em *A vontade de potência*, que ficou inacabada, Nietzsche se expressa sobre o niilismo ativo nos seguintes termos:

Uma maneira de pensar o ensinamento pessimista, um niilismo de êxtase, pode, em certas circunstâncias, ser indispensável precisamente para o filósofo: como uma poderosa pressão e martelo, com que ele esfacela raças degenerantes e moribundas e as tira do caminho, para abrir ala para uma nova ordenação da vida ou para inspirar ao que é degenerado e quer morrer o desejo do fim. (NIETZSCHE, 1983, p. 395)

Nesse trecho, Nietzsche usa a expressão “niilismo de êxtase” remetendo ao deus Dionísio, que vive extasiado, embriagado, não quer saber de verdades, cultiva a ilusão, pois só ela existe. Assim, ele diz que um êxtase pode ser necessário para o filósofo, para que ele com o martelo destrua aqueles que se ocupam em denegrir a vida e, ao mesmo tempo, crie novos valores.

² Diz Nietzsche (2008, §4, p. 16) no prólogo de *Ecce Homo*: “entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito”.

Precisamente quando o homem fica diante do nada de sentido, o descobre, surge a oportunidade para que ele afirme sua própria vontade, a vontade humana. Esta é a oportunidade para afirmar a vida, vivendo pelo presente e somente por ele; nada de crenças antigas ou verdades futuras. Dessa forma, o niilismo ativo garantiria a liberdade de agir por si mesmo, pela própria vontade de potência, pelo próprio instinto, além do bem e do mal, como o grande Dionísio, embriagado, entusiasmado com a vida.

O niilismo ativo representa a chegada de um novo tipo de homem, o *Übermensch*, super-homem, capaz de ultrapassar esses valores instalados, há mais de dois milênios, pela religião e pela metafísica, que dão sentido à vida ligando-a ao que ela nunca foi, nem nunca será. Esse novo homem é ativo, ele cria, constrói valores que dignificam cada momento da vida. É o homem do *amor fati*, que investe na intensidade da vivência do fato, ou seja, na intensidade de cada momento vivido, por mais duro que seja. Zaratustra surge como esse super-homem, ou seja, um homem que “*super-a*” a si mesmo a cada momento que passa.

O movimento dessa superação encontra-se, segundo Nietzsche, como indicado na obra *Ecce Homo*, concentrado em Zaratustra:

Não há sabedoria, pesquisa da alma ou arte do discurso antes do Zaratustra: o mais imediato, o mais cotidiano fala de coisas inauditas ali. A sentença fremente de paixão; a eloquência tornada música; raios arremessados adiante, a futuros ainda insuspeitos. A mais poderosa energia para o símbolo até aqui existente é pobre brincadeira, frente ao retorno da linguagem à natureza mesma da imagem. — E como desce Zaratustra, e a cada um diz a palavra mais bondosa! Como toca com mãos delicadas até mesmo seus antagonistas, os sacerdotes, e sofre com eles por eles! — Ali o homem é superado a cada momento, o conceito de “super-homem” fez-se ali realidade suprema — tudo o que até aqui se chamou grande no homem situa-se a uma distância infinita, abaixo dele. O elemento alciônico, os pés ligeiros, a onipresença de malícia e petulância, e o que mais for típico do tipo Zaratustra, isso jamais se sonhou como essencial à grandeza. Precisamente nessa extensão de espaço, nessa acessibilidade aos contrários, é que Zaratustra se sente como a fórmula suprema de tudo o que é, e, ouvindo como ele a define, renuncia-se a procurar seu símile. (NIETZSCHE, 2008, p. 86, § 6)

O Zaratustra se mostra como marco para a transvaloração. A partir dele, novos valores são criados; Nietzsche o considera como aquele que fala de coisas nunca vistas, que exprime de forma máxima sua *vontade de potência*.

É assim que *ele se torna o que é*, supera-se, transformando-se em adversário proclamado da concepção de grandeza que até então era cultivada entre os homens. Zaratustra não espera encontrar homens a ele semelhantes, ele contenta-se em ser sozinho.

Outro termo que se mostra bastante enigmático nos escritos de Nietzsche, mas que é indispensável para se falar da afirmação da vida ou superação do niilismo é o *eterno retorno*. O tema do *eterno retorno* aparece somente quatro vezes no transcorrer das obras do filósofo. A primeira delas é vista em *A gaia ciência*, no aforismo 341, intitulado “O maior dos pesos”. Seguindo a linha histórica das obras publicadas de Nietzsche, pode-se dizer que a segunda e terceira vez em que o essa expressão aparece é exatamente na obra *Assim falou Zaratustra*, especificamente nos capítulos de nome “O convalescente” e “Da visão e do enigma”. Por fim, o tema também chega a aparecer em *Além do bem e do mal*, no aforismo 56.

É importante também enfatizar que o *eterno retorno* nunca aparece como uma teoria ou mesmo uma tese, mas sempre se mostra como hipótese. É um tema profundamente misterioso. Nunca é posto na forma de uma definição, mas sempre no estilo poético. Para exemplificar podemos ler em *A gaia ciência*:

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — e você com ela, partícula de poeira!” (NIETZSCHE, 2001, p. 230, § 341)

O *eterno retorno* é tratado nesse aforismo na condição de uma concepção de tempo circular, em que sempre se repetem todas as coisas — não só as coisas ruins mas também as boas. Roberto Machado, em *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, nos mostra dois sentidos para a noção de eternidade, tema do *eterno retorno*: o sentido cosmológico e o sentido ético.

O primeiro sentido

...exprime a suspeita em relação à eternidade concebida como exterior, como separada, como um além ou aquém assumindo uma postura que procura ultrapassar as oposições metafísicas de valores,

afirmando a dignidade do tempo, ou da vida temporal, através de sua própria eternidade. (MACHADO, 1997, p. 135)

Esse sentido cosmológico da eternidade trata da posição, enfatizada por Nietzsche, de desprezo à concepção pregada por algumas religiões de que essa vida é um erro, de que devemos nos preparar para outra vida. Nesse sentido, Nietzsche se apropria de uma concepção segundo a qual a “eternidade” não deve ser buscada senão aqui, na dinâmica do cosmo, contrapondo-se à concepção de eternidade defendida desde Platão e aperfeiçoada pela tradição judaico-cristã. O segundo sentido, o ético, encontra-se relacionado com a vontade de afirmação da vida, de eternização do instante, de sua valorização como algo capaz de ultrapassar e superar tanto o niilismo negativo quanto o reativo que já atingiram e ainda atingem o homem. Neste sentido escreve Machado:

No sentido ético, ela significa, por outro lado, que, para Nietzsche, querer a eternização do instante vivido, pela afirmação do seu eterno retorno, é querer a vida, a cada instante, em toda a sua intensidade, em toda sua plenitude, estado supremo de aquiescência à vida considerado por ele única forma de ultrapassar a vontade de nada ou o nada de vontade do niilismo. (MACHADO, 1997, p. 135)

O sentido ético da eternidade, então, expressa a afirmação da vida em toda a sua tragicidade, ou seja, querer que o instante se repita não só visando reafirmar a felicidade, mas inclusive a dor, como afirma Dax Moraes:

O “desejo” de retomo, tragicamente afirmado, envolve — sem se reduzir a tanto — a admissão da *mesma* dor que decerto retornaria *junto* à *mesma* felicidade cuja privação lhe teria servido de “causa” e/ou da *mesma* dor que preexistia à felicidade que lhe sucedera, pois é neste contraste que ambas ganham sentido, ou melhor, se dão sentido reciprocamente. (MORAES, 2005)

O retorno do instante exige que essa afirmação seja incondicional, que não seja julgada a partir de algo que preexistia ou que ainda se suponha em uma futura existência. Não é uma afirmação apenas dos instantes repletos de prazer; a afirmação trágica do instante, e pode-se dizer da vida, envolve dor e prazer; é incondicional, é uma afirmação alegre e incondicional da realidade. Nietzsche aponta como melhor alternativa para afirmação da vida, o nada querer além de si, que para o filósofo seria o

simplesmente viver, enfrentar esse grande mar aberto que é a vida, aceitando o desconhecido e abandonando consolos metafísicos.

Referências

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

MORAES, Dax. Trágico e angústia do amor: reflexões sobre A hora do lobo, de Igmarr Bergman. **Morpheus**. Rio de Janeiro, n. 6, 2005. Disponível em: < <http://www4.unirio.br/morpheusonline/Dax%20Moraes.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Nietzsche: a vida como valor maior**. São Paulo: FTD, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Org. Gerard Lebrum. Trad. e anot. Rubens Rodrigues Torres filho. Posf. Antônio Cândido. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O anticristo: maldição ao cristianismo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **Ecce Homo: como se tornar o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. **A Gaia Ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de. **Razão e nihilismo: drama, paradoxo e esperança de um caminho de liberdade. Por uma resposta a partir da L'Action (1893)**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2005.